

## Editorial

É com grande satisfação que publicamos o terceiro número, *varia*, que encerra o volume 11 (2018) da *Revista Trágica*. Como já é uma tradição, continuamos a receber uma maioria de artigos sobre a filosofia de Nietzsche. Danilo Bilate (UFRRJ), a partir da análise das virtudes exigidas por Nietzsche para a prática filológica, demonstra que a negação de uma leitura verdadeira de um texto não deve resultar em uma arbitrariedade interpretativa, afinal, se há um texto, somente uma leitura honesta poderá ser criativa e de fato perspectiva. Alexandre Alves (Unisinos) nos mostra que embora critique a degradação da *Bildung*, enquanto imperativo moral de auto-aperfeiçoamento, Nietzsche não lhe contrapõe um novo ideal normativo, mas uma concepção de cultura como unidade de estilo. O artigo de Geraldo Dias (UNIFESP) analisa a influência de Nietzsche, e sua concepção do ritmo, sobre a proposta de Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos (1889), filósofo português radicado no Brasil de 1927 até sua morte em 1950. Sua obra principal, intitulada *Ritmanálise*, propõe uma terapia através do ritmo no canto e na dança, mas se perdeu, tendo, no entanto, sido antes enviada a G. Bachelard, cujo capítulo 8 de seu livro *A dialética da duração* (1936), ‘Rythmanalyse’, nela se baseia e a leva como título. Roberta Saavedra (UFRJ) observa que tanto Deleuze quanto Agamben analisam o conto ‘Bartleby, o escrevente’ de Melville sob a perspectiva da filosofia nietzschiana, mas que um e outro buscam em Nietzsche enfoques distintos. Segundo Deleuze, Bartleby encarna o ‘nada de vontade’; enquanto Agamben partiria de uma interpretação particular e problemática do eterno retorno e da potência. Benjamim Brum (UFPR), por sua vez, defende que a concepção arqueológica de Agamben, embora parta da de Foucault, desta se distancia, ao, distintamente daquela, incluir o impensado e buscar relacionar história e ontologia. Finalmente, o artigo de Matheus Rodrigues (UNIFESP) traz a análise de Bento Prado Jr. sobre a questão da razão em Kant (lido por Lebrun) e Wittgenstein, a partir dos conceitos de erro, ilusão e loucura, em uma crítica tanto ao idealismo quanto ao positivismo.

As resenhas deste número são de duas recentes traduções brasileiras de clássicos. Renato Nunes Bittencourt (UFRJ) apresenta a obra *Sobre Nietzsche: vontade de chance*, de Georges Bataille, que fora traduzida por Fernando Scheibe (Ed. Autêntica, 2017); e Alisson Ramos de Souza (UEL) apresenta a obra *Aporias: morrer, esperar-se nos limites*

*da verdade*, de Jacques Derrida, que fora traduzida por Piero Eyben e Fabrícia Wallace Rodrigues (Ed.Horizonte, 2018).

Esperamos que este novo número continue a contribuir para o debate filosófico no Brasil, e que todos tenham uma boa leitura.

Os Editores